

---

## Seis propostas para um corpo – uma leitura de Italo Calvino

---

Luís Sousa Ribeiro\*

### **Resumo**

*A propósito do livro de Italo Calvino, "Seis Propostas para o Próximo Milénio", o autor reflecte sobre o tema da Psicossomática, seleccionando excertos e fazendo diversas referências a outras obras literárias.*

**Palavras-chave:** *Corpo; Italo Calvino; Psicossomática.*

### 0

Gostaria de começar por dedicar o presente texto a António Coimbra de Matos, pois, de entre o muito que lhe devo, devo-lhe também o convite para o mesmo; de resto, nada mais que a amizade o justifica, o pouco que sei sobre psicossomática caberá inteiramente nos três parágrafos seguintes (nem por isso o desejo de impressionar é em mim menor, ouvi agora mesmo a recordação de uma frase do maior autor português vivo, Alberto Pimenta, que a propósito de algo confessava conhecer apenas três maneiras de falar, ao que acrescentou ter o Imperador Carlos Magno conhecido apenas duas variedades de rosas).

Numa noite de copos – ía escre-

ver "de juventude" mas devo escrever "juvenil", pois importa mais o registo emocional que o das coordenadas – nessa noite já um pouco avançada conheci um personagem colorido de psicopatia que havia participado numa das facções armadas que desde Abril de 1974, em Angola, teimosamente se entretêm na destruição, o qual contrastava pela sua perfeita calvície ante as fartas cabeleiras então em voga. A guerra, no seu ir e vir, apanhara-o em contrapé; encostado a um muro que seria o do seu fuzilamento, já vendado, foi salvo por um capricho da maré. "Salvo por um triz", lá o deixara todo; no dia seguinte estava completamente calvo – "Triz" do grego *Thrix*, "Cabelo".

Bastante mais tarde, no final de uma aula, aproximou-se um vulto que já havia chamado a minha atenção e não só por ser novo naquelas paragens, mas por uma particular mistura de tristeza e familiaridade que suscitava. Apenas o reconheci quando contou a sua história. História do Vulto: "Não me reconhece – creio que sim, disse – fui seu aluno no ano passado?". Imediatamente vislumbrei o frequentador ocasional das minhas aulas que me despertara curiosidade por exercer uma profissão pela qual sempre tive algum fascínio

---

\* Psicólogo Clínico. Assistente no I.S.P.A., Bolseiro Praxis XXI

e onde é requerida uma saúde perfeita, periodicamente avaliada – não era um atleta. Magro, ictérico, deixara crescer a barba... "Calcule que com a minha mulher concorri ao concurso *Preço Certo* [este funcionava por um sistema de eliminatórias, estando presentes apenas dois concorrentes na final aos quais era muito rapidamente enumerado um longo rol de prémios, por ex., um carro  $x$ , uma cozinha  $y$ , 500 kg de batatas, uma viagem a  $z$  com 15 dias de pensão completa, etc., ganhando tudo isto o concorrente que estimasse o seu preço certo], era ela que concorria e chegámos à final; eu passara alguns meses à volta de lojas e catálogos tentando decorar preços e ía-lhe comunicando as estimativas; na final apontei os preços mas com a tensão bloqueei e não consegui somar as parcelas, não ganhámos nada. Em casa, no dia seguinte, fiz a soma, a minha estimativa estava certa, se lha tivesse dito teríamos ganho tudo. Comecei a pensar naquilo e não conseguia dormir, estive uma semana sem dormir; depois caí-me a pele do corpo todo, tive de estar deitado em algodão em rama porque não tinha pele. Estou quase há um ano a fazer um tratamento do género para o cancro, para baixar a resposta imunitária". Perdido por um cabelo não o tornei a ver.

Alguns entre os dois episódios anteriores também eu senti medo, daquele que é mesmo medo; recebi uma promessa de grande bailarina. Levantava-se às 6 da manhã, ia para Lisboa, para a escola de artes onde fazia os seus estudos e onde estava

até cerca das 17 horas, após o que frequentava aulas particulares de técnica e barra no chão. Nos fins de semana alternava aulas em duas importantes companhias/escolas de dança nacionais; no Verão, Natal e Páscoa fazia estágios com uma companhia inglesa. Chegava a casa por volta das 22, 22.30h. Não brincava e dizia que não achava graça nenhuma a isso, os brinquedos de que mais gostava eram uma coleção de animais de porcelana. Para poder acompanhar a filha, a mãe desempregara-se, vivia fazendo trabalhos de dactilografia em casa da sua própria mãe, que também morava fora de Lisboa, no intervalo de levar e ir buscar a filha; tinha um lúpus facial muito desenvolvido com profundas necroses. Não se ralava nem o tratava por duas razões: a) Não haver cura para o cancro; b) Que "os homens o que querem é um buraco", e portanto, se precisasse de um homem arranjava-o, não precisava de se pôr bonita. Também era coisa que dispensava, só tinha tido homem nove meses na vida; três, o pai da filha que fora para a tropa durante a sua gravidez e que não tornara a aparecer; seis, um namorado que pusera fora de casa por querer dormir na sua cama o que não era possível por aí dormir ela com a filha. O medo apareceu quando esta mulher me repetiu textualmente excertos de sessões da filha; no susto, no terror, cheguei a pensar se me tinha instalado um microfone no gabinete – a porta, que também verifiquei, estava boa – a despersonalização provinha de me ouvir a falar noutro lugar, como se a minha voz para lá ti-

vesse migrado. Mas eram apenas as "duas" na sua loucura, e porque o numeral parece aqui inexacto penso poder contar desta mulher a história que me contou a filha. Trata-se de uma coreografia que preparara para a disciplina de Dança Criativa, e tinham sido estas as professoras que preocupadas com algo na sua pequena bailarina haviam recomendado a vinda ao psicólogo: "...Uma menina que era um *robot* gostava muito de um menino, mas como era um *robot* não podia namorar com ele. A menina foi a uma bruxa para esta lhe fazer uma feitiçaria que a transformasse numa menina. Depois foi por uma floresta à procura do menino, ía preocupada porque não sabia se já era uma menina ou se ainda era um *robot*, se o feitiço tinha ficado bem feito. Quando viu o menino, desmaiou. Quando acordou ele já lá não estava, recomeçou à procura dele e quando o viu, morreu. Pronto."

Nestas três histórias misturam-se a doença, o terror e a psicose (como solidão, como recusa do real e como simbiose), conceito sempre próximo do de *infinito*; ora foi sobre este último que J. L. Borges proferiu o seu famoso anátema, "conceito que corrompe e altera todos os outros" (J. L. Borges, 1932, *Avatares da Tartaruga* in "Discussão"; ver também *A Perpétua Corrida de Aquiles e a Tartaruga*, penúltimo parágrafo, *ibidem*).

Vejam agora o que sobre tudo isto nos dizem as "Seis Propostas" de Italo Calvino para o próximo milénio (I. Calvino, 1985).

## 1 LEVEZA

Falando da sensação de petrificação do mundo e do escritor a que era conduzido pelo colete estético imperante na sua juventude, Calvino decide contar a história do herói que venceu o monstro petrificador, Perseu que voava nas suas sandálias aladas evita a imagem da Górgona mirando-a apenas no seu reflexo no escudo de Bronze: "...*Para cortar a cabeça da Medusa sem se deixar petrificar, Perseu apoia-se no que há de mais leve, o vento e as nuvens, e fixa o olhar no que só poderá revelar-se-lhe numa visão indirecta, numa imagem captada num espelho*". E continua: "...*Do sangue da Medusa nasce um cavalo alado, Pégaso; ...com uma patada no Monte Hélicon, Pégaso faz jorrar a fonte em que bebem as Musas... (De resto, até as sandálias aladas provinham do mundo dos monstros: Perseu recebera-as das irmãs da Medusa, as Graias de um único olho). Quanto à cabeça cortada, Perseu não a abandona mas leva-a consigo, fechada num saco*";". A moral desta história é indicada na p. 19: "...*É sempre na recusa da visão directa que reside a força de Perseu, mas não numa recusa da realidade do mundo de monstros em que estava destinado a viver, uma realidade que ele traz consigo e assume como sendo o seu próprio fardo*". E para reforçar a sua conclusão recorre a Ovídio nas "*Metamorfoses*", e aqui Ovídio tem versos (IV, 740-752) que considero extraordinários para exprimir a delicadeza de alma que é necessária para se poder ser um Perseu, vencedor de monstros: "...*Para que a rija*

*areia não desgaste a cabeça anguícoma [...] amolece o terreno com uma camada de folhas, estende sobre esta algas nascidas debaixo das águas e aí depõe a cabeça da Medusa de cara para baixo ... Mas a coisa mais inesperada é o milagre que se segue: as algas em contacto com a Medusa transformam-se em corais, e as ninfas para se enfeitarem de corais acorrem aproximando ramos e algas da terrível cabeça".* Apenas posso acrescentar, para atestar da veracidade do conto, ser sabido que o mais leve corte feito num coral infecta sempre.

A petrificação do espírito, a sua restrição e imobilidade, é observação comum nos autores de psicossomática, já o horror responsável pela sideração parece ser assunto de menor unanimidade, mas penso-o ubíquo e é-o efectivamente nos três casos anteriormente referidos. As referências à gentileza e leveza do herói parecem ilustrar os requisitos feitos ao psicoterapeuta, bem como as qualidades quer deste, quer da parte saudável da mente do cliente, qualidades estas que ambos irão desenvolvendo como forma de *união de dois para benefício de três*. A vitória desenrola-se num cenário igualmente duplo do psicoterapêutico, o monstro é afrontado mediante a sua reflexão num espelho, reflexos da interpretação e da transferência; talvez pela primeira vez visto na sua singularidade e na medonha teia de efeitos entretanto tecida (e talvez fosse isto que Freud entendia por reconstrução – a parte anterior é a parte construtiva da psicoterapia – S. Freud, 1937, *Construções em Análise*).

É por ser fala *sobre* e indirecta ilustração, coreologia dos movimentos transferenciais, em vez de repetição do pretérito ataque-fuga, esse agir da pétrea alma que replica a modalidade obscena do monstro como real subtraído à leveza do mais leve,  $\alpha$  ou *réverie* ou trabalho anímico ou indagação, isto é, espírito, que a psicoterapia instila os artefactos, o espelho-escudo barreira-de-contacto que isola e separa mas também une e liga representando (re-apresentando?) e reflectindo, e modula a dor promovendo a delicadeza, a argúcia e a determinação [sobre o início veja-se D. Meltzer, 1967, *Terror, Perseguição e Pavor*].

O real subtraído é sempre irreal, secreto sinal do triunfo da fantasia onnipotente (que é o que uma defesa é); nele o objecto persecutório tem sempre dois destinos: o corpo e o agir; este último deve ser restrito, banal, repetitivo e inexpressivo, pois como percebeu Nietzsche toda a agitação tende para a dança, para a realização de um movimento que no dizer de Bion fala mais alto que tudo o que se disse. Assim se ouve no silêncio a impossibilidade de ser, o tonitruante e subterrâneo rumor dessa desesperada ideia de através de não-ser e não-saber controlar onnipotentemente todo o mal; também assim se ouve a desesperada dor de quem foi tão tiranicamente agenciado, barganha de que apenas restou o adoecer. Adoecer cada vez mais como único lugar do movimento (*Worstward Ho*, escreveu S. Beckett com a insuperável mestria que o caracterizava nestes assuntos).

Por idênticas razões toda a irrealidade é sempre real, é mesmo apenas disto que a psicanálise parece falar. A irrealidade do projecto descrito realizará a nulificação do Eu e, por extensão, do real como lugar de interpelação e desafio, ou seja local de ancoragem do desejo e espaço potencial da criatividade. O seu desaparecimento no arremedo do factual e do banal diverge da irrealidade psicótica mas só pode iludir aquele que preso do mesmo vírus se esqueceu que a factualidade não passa da encenação do factício. Não ver na banalidade a mesma intensidade de desespero que se avista na bizarria é simplesmente não ver. A dor mental é sempre sinal de um Eu e de um outro, fala da desadequada distância que os separa e logo do desejo irrealizável; tudo, ainda, marcas da vida e, por tal sinal, a sua ausência, a marca da morte, sê-lo-á do inverso. Ora para que este projecto permaneça vitorioso requere-se uma sempre eterna inalteridade, mesmidade que funda o banal, pois o empreendimento corre o risco de se esboroar à primeira necessidade de reajustamento; basta uma pequena brecha para que a ideia de outro e logo de Eu e de distância e de movimento mental se insinue desbaratando o silencioso vazio tão arduamente alcançado.

Terminemos este primeiro ponto com três outros excertos de levíssima concisão: O que se entende por leveza? I. Calvino, na p. 26: "...*Trata-se sempre de uma coisa diferenciada por três características: 1) é levíssima; 2) está em movimento; 3) é um vector de informação*". Tal se pode também afirmar da

psicoterapia e da função psicanalítica da personalidade. Qual o critério operacional? Página 30: "...*A leveza para mim está associada à precisão e à determinação, e não ao vago e abandonado ao acaso. Paul Valéry disse: "...Il faut être léger comme l'oiseau, et non comme la plume*". O que introduz o corpo e com este o famoso debate corpo/mente, esse morto-vivo da psicossomática, nado-morto nas neuroses actuais e ainda a oportunidade para colocar esta convicção que partilho, "*O De Rerum Natura*" de Lucrecio é a primeira grande obra de poesia em que o conhecimento do mundo se torna dissolução da compacidade do mundo, percepção do que é infinitamente minúsculo, móvel e leve. Lucrecio pretende escrever o poema da matéria mas avisa-nos logo de que: "...*A verdadeira realidade desta matéria é feita de corpúsculos invisíveis. [...] A poesia do invisível, a poesia das infinitas potencialidades imprevisíveis, tal como a poesia do nada, nascem de um poeta que não tem dúvidas quanto ao carácter físico do mundo*", pp. 22 e 23.

## 2 RAPIDEZ

O texto sobre a "*Rapidez*" serve essencialmente a Italo Calvino para sublinhar a incomensurabilidade do mental e do físico, por isso contendo significativas contribuições para a psicoterapia a propósito do ritmo interpretativo e da natureza e técnica da interpretação. Curiosamente começa com a lenda sobre a paixão serôdia e a melancolia terminal do já

referido imperador Carlos Magno. Passo a anotação das variantes da lenda e dos comentários óbvios, que aqui apenas dariam um maçudo relatório de psicopatologia, sempre menor que o resultante das leituras que por esta omissão sejam suscitadas, para os deixar ao prazer do leitor – e esta é uma primeira sugestão, é certo que um pouco alinhava(va) com Sami Ali, sobre a técnica e os perigos do *empréstimo do fantasma*, a qual, espero, salvguarde o contido no que se segue. Atenho-me à observação do autor sobre encontrar-se esta narrativa ligada por um objecto, os quais, segundo o mesmo, são sempre mágicos quando inscritos numa narrativa; na(s) presente(s) lenda(s) trata-se do anel encontrado debaixo da língua da morta. Este sugere, a Calvino, a ideia de "[Uma] *corrida do desejo atrás de um objecto que não existe, uma ausência, uma falta, simbolizada pelo círculo vazio do anel; [e que] é dada mais pelo ritmo do conto do que pelos factos narrados.*"; deve então concluir-se que no contrário, no que existe sem pressa, sem desejo, sem falta, no psicossomático, algures deve residir o cheio e que nalgum tempo se terá efectuado a delirante posse. Mas o que eu queria dizer é que cada vez mais acho que um bom indício sobre a escolha do material da interpretação consiste na sua figurabilidade. Se algo se pode visualizar, então deve ser significativo – talvez seja este o segredo dos sonhos, o uso compartilhado entre o inconsciente e a parte psicótica da personalidade das representações de coisa – conclusão: tome-se a factualidade e concretude do relato como factualidade e con-

cretude oníricas; um sonho vígil de onde o cliente não pode sair como forma de consumir a sua peculiar apropriação do outro e do real. Pág. 94, como disse Hoffmannsthal: "...*A profundidade está escondida. Onde? À superfície.*". E Wittgenstein foi ainda mais longe que Hoffmannsthal: "...*O que está oculto, não nos interessa.*". O pesadelo é tentar encontrar o latente pois esta inversão torna-o manifesto; manifesto de quê? Manifesto do vazio do anel! Se o cliente parece hibernado é porque a sua vida é o seu sonho. Nem sequer um pesadelo, apenas sonho *estranho*, puro salão de mobiliário do sonho; que o estranho é uma das modalidades do fantástico mostrou-o T. Todorov (1970, *Introdução à Literatura Fantástica*), para quem a estranha banalidade e factualidade de um Kafka são expressão de um pensamento em que o irregular do fantástico se tornou regra. Também já Bion anotara que a anulação da distinção estar acordado/estar a dormir, arrastava a anulação das distinções consciente/inconsciente, dentro/fora, barreira/contacto, como manifestações da suspensão da censura. A insustentável leveza de um peso imaterial mas opressivo é a marca de um sonho falhado onde nem sequer a figuração horrífica do pesadelo se pode constituir, fala do terror sem nome, do embotamento dos processos criativos básicos que agregam significado ao perceptivo e às representações icónicas e estabelecem uma narrativa que funciona como uma dupla superfície de registo (essa condição mínima do aparelho mental para Freud, 1924, *A Note Upon the "Mystic Writing-Pad"*) ante

os seus elementos constitutivos, exponenciando e criando novos significados a partir destes (uma mistura de Freud, Balint e Bion; creio ser injusto não incluir os contributos do segundo como contribuição para a compreensão do funcionamento psicossomático).

Regressemos a I. Calvino e à "*Rapidez*" e ao problema da interpretação. Para ele discorrer é como correr e cita Galileu Galilei a páginas cinquenta e nove: "...*Se o discorrer sobre um problema difícil fosse como carregar pesos, caso em que muitos cavalos podem levar mais sacos de trigo do que um só cavalo, eu concordaria que muitos discursos fariam mais que um só; mas o discorrer é como o correr, e não como o carregar, e um cavalo berbere sózinho correrá mais que cem cavalos frísios*". Basta pensar na sensação de peso e fardo tão comumente evocados por estes pacientes, ou seja, pronunciadas pelos seus terapeutas, para se observar o equívoco da atitude mental dos últimos. E para que não restem dúvidas "...*A rapidez, a agilidade do raciocínio, a economia dos argumentos, mas também a fantasia dos exemplos, para Galileu são qualidades decisivas do bem pensar*".; e cada item deste parágrafo merece atenção, pois todos eles são critérios do bem interpretar.

Alguns preferem o silêncio sapiencial, não sou destes, creio que a psicoterapia é movimento mental e, no quadro terapêutico, fala, aqui o que não se diz não vale (devo este pensamento a Amaral Dias), e creio poder afirmar com Calvino: "...*A velocidade mental vale por si, pelo prazer que provoca em quem for sensível a este prazer, e não pela utilidade prática que dele*

*se possa obter. Um raciocínio rápido não é necessariamente melhor que um raciocínio ponderado; pelo contrário; mas comunica uma coisa especial que reside precisamente na sua prontidão*". Trata-se de saber se isto é adequado a estes casos e à psicoterapia, mas, seja como for, a produção de prazer e o *timing* da interpretação são duas das coisas mais importantes de que um psicoterapeuta se pode valer porque são duas das coisas mais importantes para a vida e porque prazer e prontidão são dois dos critérios mais importantes de saúde mental; pois "...*A rapidez do estilo e do pensamento quer dizer sobretudo agilidade, mobilidade, desenvoltura; todas qualidades que se dão bem com uma escrita pronta às divagações, capaz de saltar de um assunto para outro, de perder o fio à meada cem vezes e de tornar a encontrá-lo outras cem ao fim de grandes voltas*". Não só tudo isto parece ausente do discurso psicossomático como também, e mais importante, tudo isto é uma justa descrição da vida apaixonada e da sua errância, da abertura ao inesperado sem necessidade da receosa iteração do já conhecido e sempre o mesmo; da afirmação do que se pode envolver e perder porque seguro da sua identidade e cômico da memória em si contida, reconhece os lugares por onde já passou, neles se reconhecendo agora diferente, transformado e enriquecido pelo sucedido que lhes agrega e lhe abre novas vias e modalidades de ser. Conheci muitos homens sensatos, dirigidos e objectivos; entre aqueles cuja vida era ainda intensa e produtiva podia-se observar essa distinta marca de paixão e insensatez, essa capa-

cidade de momentaneamente se perder que (re)lança o projecto vital e expressa a existência de uma parte insaturada da mente e uma liberdade intrínseca não tiranizada.

O exposto não significa que seja por alguma ou por todas estas coisas que a transformação se dá, dá-se em consequência de uma certa atitude e de uma obscura revelação, provém de um ignoto lugar e ocorre num instante mas não por esse instante; quase seria mais exacto dizer que ocorre não obstante tudo – as fantasias, as memórias, as interpretações, a transferência, as qualidades do terapeuta e a sua pessoa. Procurei dizê-lo num texto intitulado "O koan de Sílvio", parece-me que I. Calvino o diz melhor: *"Entre as muitas virtudes de Chuang-Tsu contava-se a habilidade para o desenho. O rei pediu-lhe que desenhasse um caranguejo. Chuang-Tsu disse que precisava de cinco anos e de uma residência com doze criados".* Passados cinco anos o desenho ainda não estava começado. *"...Preciso de mais cinco anos", disse Chuang-Tsu. O rei concedeu-lhos. Ao fim de dez anos, Chuang-Tsu pegou num pincel e num instante, com um único traço, desenhou um caranguejo, o caranguejo mais perfeito que jamais se tinha visto".*

### 3 e 4

#### EXACTIDÃO E VISIBILIDADE

Ficaria bem que aqui pudesse ser mais exacto e conciso sobre o tema da psicossomática.

Precisando o dito no ponto anterior, gostaria de citar o início da pág. 65: *"...Estou convencido de que escrever prosa não deverá ser diferente de escrever*

*poesia; em ambos os casos se trata da procura de uma expressão necessária, única, densa, concisa, memorável".* Acrescentaria apenas que, no nosso caso, temos ainda o gesto, a mímica, a entoação e o silêncio necessários, únicos, densos, concisos, memoráveis.

E para avaliar da justeza da sua tese sobre a Exactidão, Calvino escolhe, como contraditor, G. Leopardi e o seu *"Elogio do Vago"*, no que ocupa as pp. 75 a 80; lendo-as chegamos à seguinte conclusão (que igualmente precisa parte do exposto no ponto 2): *"...O que Leopardi exige de nós para podermos apreciar a beleza do vago e do indeterminado! É uma atenção extremamente precisa e meticulosa, na definição minuciosa dos pormenores, na escolha dos objectos, da iluminação, da atmosfera, para se alcançar a imprecisão desejada".*

Dos efeitos confusionais e psicossomáticos de uma certa exactidão, fala-nos o autor através de R. Musil em *"O Homem Sem Qualidades"*: *"...Ora, se o elemento observado for a própria exactidão, se o isolarmos e deixarmos desenvolver [...] e se fizermos que a sua força exemplar actue sobre tudo com que entrar em contacto, chegaremos então a um homem no qual se forma uma combinação paradoxal de exactidão e de indeterminação. Ele possuirá a frieza deliberada e incorruptível que coincide com a precisão; mas fora dessa qualidade tudo o resto será indefinido." (op. cit., Vol. I, parte II, cap. 61).*

Desde a leitura de Matte-Blanco fiquei convencido que a imposição ditatorial de um modo produziria uma proliferação cancerígena e subterrânea do modo antinómico (insisto numa certa modalidade simbiótica

subjacente à aparente objectalidade do factual na mente psicossomática e responsável pela atmosfera imprecisa, vaga e borrada, que suscita na mente do terapeuta). Mais exactamente, o que aqui entendo por Precisão é justamente algo como a afirmação de abertura da quarta conferência de I. Calvino – Visibilidade – assim: *"Há um verso de Dante no Purgatório (XVII, 25) que diz: "Poi Piovv dentro a l'alta fantasia". A minha conferência de hoje partirá desta constatação: a fantasia é um lugar onde chove lá dentro"*. E talvez esta tenha justamente sido a maior descoberta de M. Klein. Outro exemplo é exactamente o primeiro parágrafo da terceira conferência (Exactidão): *"...A precisão para os antigos Egípcios era simbolizada por uma pluma que servia de peso no prato da balança onde se pesam as almas. Essa pluma levíssima tinha o nome de Maat, [...]/ O hieróglifo de Maat indicava também a unidade de comprimento, os 33 centímetros do tijolo unitário, e também, a nota fundamental da flauta."*; o qual serve ao autor para introduzir o adjectivo *Icástico*. *Icástico*, o que é nítido e expressivo sem artifícios e o seu homólogo *Lhano* servem para, mais exactamente, descrever a justa interpretação e o justo intérprete.

Claro que o modo como Maat e a Chuva são introduzidas atesta de um prévio exercício elaborativo; mas não será assim sempre? Pelo menos é isto que se percebe do modelo de Bion onde a interiorização da função  $\alpha$  provém do contacto prévio com essa mesma qualidade no espírito materno. Gostaria de pensar que algo deste género se encontra contido na su-

gestão de Coimbra de Matos sobre o facto de a contra-transferência dever preceder a transferência. Seja como for, é exactamente isto que parece ausente na fala do psicossomático, um prévio trabalho que ateste a existência de uma pessoa indiciada pelo arranjo, pela selecção e escolha, e pela deformação do narrado – tudo indícios certos da identificação projectiva e, mais precisamente, de uma cena onde alguém dotado de um espaço preenchido por conteúdos, e logo de uma barreira e de uma separação, se apercebe de si e do outro através do incessante bombardeio que com aqueles neste opera.

Terminemos este ponto com outras duas demonstrações respeitantes à antinomia fundamental e ao que no "O Bafo" designei por *regressão antinómica* (o violento retorno do modo lógico exilado agora exigindo soberania); eis a fala de Monsieur Tesse de Paul Valéry, personagem certificado por J. L. Borges ao dele afirmar o mérito de ter imposto a lucidez do classicismo em pleno apogeu da decadência romântica: *" – [O que tenho?] – disse ele – Nada de especial. [...]/ Espere... Há momentos em que o meu corpo se ilumina... É muito curioso. De repente fico-me visível... distingo o fundo das minhas camadas de carne; [...]/ Alguns destes relâmpagos parecem realmente ideias. Fazem compreender - daqui até ali... E no entanto deixam-me incerto. Incerto será a palavra... [...]/ No meu ser formam-se lugares... enevoados, aparecem lonjuras. Apanho na memória uma pergunta, uma questão qualquer... E meto-me nela a fundo. Conto grãos de areia ... e enquanto os vou vendo... [...]/ Só espero*

*pelo meu grito... e, mal o oiço – o objecto, o terrível objecto, faz-se pequeno, cada vez mais pequeno, furta-se à minha visão interior...".* A segunda demonstração é feita pelo próprio Calvino ao referir-se a "*Le Chef d'Œuvre Inconnu*" de H. de Balzac, a propósito do *indefinível* e do *indecidível*, esses monstros sempre acordados por uma certa exactidão que desmesuradamente pretende dar visibilidade quer ao infinitamente grande, quer ao infinitamente pequeno, duas antigas vias de exaustão do real; vejamos: "*O Balzac fantástico procurou captar a alma do mundo numa única figura entre as infinitas imagináveis; mas para isso deveria carregar a palavra escrita com tanta intensidade que ela acabaria por nunca mais se referir a um mundo exterior a si mesma, tal como as cores e as linhas do quadro de Frenhofer. Chegando a este limiar, Balzac detém-se, e altera o seu programa. Já não a escrita intensiva mas sim a escrita extensiva. O Balzac realista [o de "A Comédia Humana"] tentará cobrir de escrita a extensão infinita do espaço e do tempo [...];" donde conclui "Balzac na comédia humana infinita deverá incluir também o escritor fantástico que é ou foi [...] e terá também de incluir o escritor realista que é ou quer ser [...]" (Mas talvez seja o mundo interior do Balzac fantástico que inclui o mundo interior do Balzac realista, porque uma das infinitas fantasias do primeiro coincide com o infinito realista da "Comédia Humana...").*

Creio já ter dado suficiente ênfase e precisão à concrecência do mundo interno, à sua visibilidade e ao modo paradoxal como tudo isto se apresenta na mente psicossomática; tudo isto

é Freud via Klein, via Meltzer, marulhado por Bion, e porque nada é novo não precisa ser repetido. Igualmente não inovadora é a omissão de uma exacta sessão de psicoterapia nos moldes aqui propostos; poderá o leitor encontrá-la nas pp. 89 a 91, trata-se do momento em que, n' *As Cidades Invisíveis* de I. Calvino, Marco Polo convida Kublai Khan a observar melhor o que ele julga ser o nada; também S. Dali escondeu uma bela pintura atrás dos reposteiros do seu museu pelo que apenas pode ser vista pelo diligente.

Resta a resolução do problema de infinita recursão contido no modelo de Bion de internalização das funções alfa e continente; como as terá interiorizado a primeira mãe? A resposta é simples: do mesmo modo que o mais recente bebé; estas funções emergem da relação e não vão de um lugar para outro. São co-construídas e resultantes da *impermanência*, existem quando existe relação e não existem quando esta não existe – tal como a pessoa. A pessoa que nos interessa, e mais radicalmente a única coisa que posso pensar como uma pessoa, existe nem dentro nem fora de si, não obstante isto e justamente por isto – ao que os budistas chamaram *impermanência*.

## 5

### MULTIPLICIDADE

Não escreverei nada sobre esta conferência. De acordo com o anteriormente exposto se sob o tema "Seis Propostas para um Corpo" realizasse

"Seis Propostas", teria de estar doido ou num invés que é o mesmo, psicossomático. Do que nesta quinta conferência me interessa, as questões epistemológicas, algo já foi apresentado, o resto concerne os processos estocásticos ocorrentes em equações deterministas, o Caos (também já apresentado pelos termos indefinível e indecidível). Se é duvidoso que alguém interessado em psicossomática tenha resistido até esta linha, seria certo que as próximas ficariam órfãs.

## 6

**COMEÇAR e ACABAR**

Quis a divina providência que Italo Calvino terminasse a sua vida antes de terminar as suas conferências; assim se provam as teses de Espinoza, entre as quais avulta a da negação da providência; assim deixou Deus o próximo milénio em estado de abertura potencial para além de qualquer programa consistente e se prova a Sua infinita bondade. *Consistência* deveria ser o título desta sexta conferência a qual, aparentemente, consistiria numa revisão de Começar e Acabar anteriormente escrita como primeira conferência – e assim, como na psicoterapia porque como na vida, começar e acabar se confundiram.

Começo pelo Acabar, assunto em que o autor é mais parco; pág. 163: "...*Seja como for que ela acabe [uma história], seja qual for o momento em que decidimos que a história pode considerar-se acabada, verificamos que [...] o que conta está noutro sítio, é o que aconteceu antes [...]*". Como na psicoterapia, onde é

sempre a consistência do trabalho até aí realizado que justifica o finalizar.

Quase acabo pelo Começar; este é o critério canónico – o fim como o começo do exercício interiorizado da função psicanalítica da personalidade; e aí mesmo se percebe como o começo já tinha começado antes, da terapia, do sintoma, do indivíduo e como mesmo a primeira se tinha começado antes da primeira consulta sem o que o cliente não teria vindo ou pelo menos não poderia ter-nos trazido nada que pudesse ser cliente. Milhares de vezes antes tudo se tinha iniciado em cada esperança que sempre acompanha, na alma viva, cada aflição – é isto que nos ensina a observação de bebês – e assim outros tantos milhares de vezes se havia encerrado, exaurindo outros tantos milhares de potenciais inícios, até ficar este paciente e esta história; quer dizer este paciente com este terapeuta.

E daí? E então? ... E tantas outras felizes expressões como escreveu ou poderia ter escrito C. Amaral Dias (1992, Cap. V de *Ali Babá nos Túmulos de Ur*). O que neste texto preliminar I. Calvino diz sobre o Começar não é inovador e, para mim, pode-se resumir na chamada de atenção que um aluno me fez a propósito dos "Diagramas de Bifurcação"; isto significa que numa sessão a interpretação mais importante é a primeira uma vez que as seguintes bifurcam dentro da amplitude desse mesmo ramo. É verdade; gostaria que igualmente o fosse a minha ideia de o início da sessão e a própria sessão constituírem um fractal. Mas a divina providência tam-

bém quis que nas regiões de caos as bifurcações (quase) se desvanescam e todo o campo imaculadamente potencial se ofereça de novo, permitindo um novo início. Talvez Bion o tenha pressentido ao escrever sobre a *Mudança Catastrófica* e nos revelar o presente como *Memória do Futuro*.

Talvez tenha acabado de ser injusto para com I. Calvino, para que esta frase não seja arrogante deve ler-se como: espero ter acabado de o injustiçar. De resto a leitura do seu texto encarregar-se-á de repôr a verdade. Uma boa tradução de "É daí?" é, como refere Calvino, "Little is left to tell": a expressão repetidamente proferida por um dos dois velhos idênticos de compridos cabelos brancos e compridos gibões pretos de "*Ohio Impromptu*" de S. Beckett. Injustiça maior seria terminar este texto sobre a morte da alma sem uma única referência ao autor que melhor a ilustrou; ele que tanto soube de psicossomática como se pode deduzir de "*The Imaginary Twins: the case of Beckett and Bion*" (B. Simon, 1986, IJPA 15:31).

"Little is left to tell", parece dizer o psicossomático após nada ter ainda dito; resta-nos fazer o melhor de um mau trabalho, disse o seu gêmeo, pois algo nos procurou mesmo sem (se) saber. Tudo isto também o diz Italo Calvino, "Little is left to tell": "...*Mas talvez reste sempre ainda qualquer coisa à espera daquela frase. Talvez pela primeira vez no mundo haja um autor que conte o esgotar de todas as histórias. Mas por mais esgotadas que estejam, por pouco que tenha restado para contar, ainda se continua a contar*".

### Abstract

*Starting from Italo Calvino's book "Seis Propostas Para o Próximo Milénio", the author reflects about Psychosomatics, selecting passages and bringing up many other literary works.*

**Key-words:** Body; Italo Calvino; Psychosomatics.

### BIBLIOGRAFIA

- Amaral Dias C. *Aventuras de Ali-Babá nos Túmulos de Ur – Ensaio psicanalítico sobre a somatopsicose*. Lisboa, Fenda, 1992.
- Beckett S. *Pioravante Marche*. Lisboa Gradiva, 1988. Edição Bilingue, 1983.
- Borges JI. *Obras Completas, I-IV* Lisboa. Círculo de Leitores 1998/99. "A Perpétua Corrida de Aquiles e da Tartaruga" e "Avatares da Tartaruga", pertencem a *Discussão* (1932) e encontram-se no Vol 1, pp 252-256 e 263-267, respectivamente. A aludida referência de J.L. Borges a Paul Valéry encontra-se em Valéry: "Como Símbolo" (1945) in *Outras Inquirições* (1952), vol. 11: 61.
- Calvino I. *As Cidades Invisíveis*. Lisboa, Teorema, 1993.
- Calvino I. (1984/85). *Seis Propostas Para o Próximo Milénio*. Lisboa, Teorema, 1998.
- Freud S. Notice Sur Le Bloc Magle. *Rev Franç Psychanal* 1925; XLV (5): 1107-1110. Paris, PUF, 1981.
- Freud S. *Constructions in Analysis*. SE, XXIII: 257-269. Londres, Hogarth Press, 1953/66.
- Matte-Blanco I. Reflecting with Bion. James S Grotstein (Ed). *Do I Dare Disturb The Universe?* Londres, H. Karnac 1983, pp-489-528. Ver também I. Matte-Blanco (1975). *The Unconscious as Infinite Sets*. Londres. Duckworth.
- Meltzer D (1967). *Terror, Perseguição e Paavor*. Elizabeth B. Spillius(Ed<sup>a</sup>) Melanie

- Klein Hoje. Vol. I: 234-242. Rio de Janeiro, Imago, 1991. Este artigo foi publicado originalmente no IJPA 49: 396-400 em 1968, aparecendo também em D. Meltzer (1973). *Estados Sexuais da Mente*, Rio de Janeiro, Imago, 1979, pp: 117-124.
- Pimenta A (1994). *Homens, Animais e Deuses*. C. A. Dias, Luís Sousa Ribeiro e Núcleo de Investigação Universitária da AEISPA (Eds). "Caos & Meta-Psicologia", Lisboa, Fenda: 147-157. Esta referência remete a apresentação desta conferência no Colóquio "Caos & Meta-Psicologia", Lisboa, LNETI, 1992 e não consta do texto. Uma outra versão deste texto aparece como Capítulo 20: "O Juízo" em A. Pimenta (1995). *A Magia que Tira os Pecados do Mundo*, Lisboa, Edições Cotovia, pp: 271-281.
  - Simon B. The Imaginary Twins: the case of Beckett and Bion. *Int Rev Psycho-Anal* 1986; 15: 331-352.
  - Sousa Ribeiro I (1994). *O Koan de Sílvio L*, Sousa Ribeiro. "Antigos e Novos Ensaios de Gnosiologia Predatória". Lisboa, Fenda, 1994, pp: 13-22. "O Bafo" (1993), embora conste do rol de publicações no prelo da Fenda é uma Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica do I.S.P.A. não publicada.
  - Todorov T (1977). *Introdução à Literatura Fantástica*. Lisboa, Moraes, 1977.